

+ (&) ×

fanzine

50

Dente de leão - Suplemento Especial

(Não pode circular separadamente. Faz parte do Fanzine #50)

À Hélia Correia, No seu sótão

Diz ela: “no meu sótão moram fadas”.

Tem sorte, penso eu
tem sótão, não está vazio
é habitado por fadas:
suponho que sejam boas
ou não falaria delas
com tranquila gentileza.
Pois poderiam ser más
e nem sequer fadas a sério,
Sombras vindas de um Além
que embora avise
mete medo
e desse medo
em suspenso
não poderia fugir
como não foge ninguém
desde que já visitado. . .

São as Sombras do silêncio
do futuro apagamento
do grande espaço vazio
do enorme assombramento. . .

Não há sótãos nessas casas
que só de noite despertam
ou então de madrugada. . .

Ela tem fadas no sótão
noutras casas não há nada. . .

Y. K. Centeno



Cálculo

O marquês, o conde, o barão e o duque contemplam avidamente o prato com os bolinhos. Parecem suculentos, com o *chantilly* a irromper pelas fendas mal abertas, o chocolate a brilhar sob o lustre do tecto.

Ninguém avança os dedos, porém. Todos partilham o mesmo pensamento, o marquês, o conde, o barão e o duque, educados numa escola de alta exigência e conscientes de que o império pode cair mas a grosseria não deve entrar nestas portas. Na verdade, pensam, se houvesse apenas um bolinho no prato, como acontece por vezes no fim de uma refeição, rude seria quem tomasse a iniciativa de o comer. O bolinho da etiqueta deve ficar sempre. Todavia, rude seria também quem decidisse comer o penúltimo bolinho, isto é, o último bolinho que se pode comer. Esse seria duplamente mal-educado, uma vez que deixaria no prato um único bolinho, o da etiqueta, intocável. Por isso, quando restam dois bolinhos, é preferível não tocar em nenhum, conservando a compostura e a aparência da generosidade. Mas a mesma lógica governa o uso ou desuso do antepenúltimo bolinho. Quem se lembrasse de o comer deixaria apenas dois bolinhos, precipitando a situação embaraçosa de obrigar alguém a comer o penúltimo bolinho deixando apenas o bolinho da etiqueta. E o mesmo se aplica ao ante-antepenúltimo bolinho, e assim sucessivamente do último para o primeiro.

Por isso o marquês, o conde, o barão e o duque, modelos de gentileza e *know-how* no mundo, desfazem-se em cortesias cheios de fome, pensando cada qual num meio discreto de envenenar cada um dos outros.

Pedro Eiras



2 haiku de Adriano Espínola

na rua a camisa
do homem morto de fome
enche-se de brisa.

ah raiva entre os dentes -
eu cuspo branco de susto
do sol as sementes.



O silêncio é matéria
de séria ponderação

e a sombra
sobre as águas
estremece
liquidifica-se
argamassa
sem continente

as palavras
estavam assim
periclitantes
sem prumo
ou decisão
assim sem uso
ante-princípio
antes das ordens
da ordem

aos incautos
posteriores
a incumbência
de pôr e tirar
as peças
de pôr e tirar

decisório
não definitivo
final

o sono sossega as sinapses
até ver

(por entre os dedos
a fumaça azul da traição)

Carlos Alberto Machado



Porto

Vi
A rapariga cega
Com o seu cão negro

Domiciliado na hábil forma da vida

Dela, senhor do labirinto
Dela,

Conduzindo-a
E acolhendo,
Num assentimento animal,
A quotidiana porção
De drama e hábito
Com que ela pedia o lanche

E se debruçava sobre o telemóvel
Para escutar a voz
De que nada sei.

Senhor do labirinto dela,
O cão fixava os tranquilos olhos
Em mim.

Luís Quintais



4 perguntas a Graça Capinha

Graça Capinha é docente da Faculdade de Letras (Americanística, Tradução e Escrita Criativa) e Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Gosta de desaprender e de ensinar os/as alunos/as a fazer o mesmo. Teve uma revista de poesia e (des)organizou poetas durante demasiados anos. Acredita que não há poética sem política. Além disso, viaja.

Professora Graça Capinha, se eu lhe pedisse um nome da poesia contemporânea norte-americana, creio que mencionaria Robert Duncan, não?

Teria de o fazer, sim. Escrevi a minha tese de doutoramento sobre este poeta e dediquei-lhe 10 anos de investigação, o que foi uma enormidade mas, enquanto me dispersava, em simultâneo, por projectos de investigação de outro teor, acho que tive tempo para ler muito *à volta* de Duncan — e isso, se calhar mais do que a sua obra propriamente dita, foi de vital importância para a forma como passei a ver a poesia (entre outras coisas). Cheguei aos EUA em 1988, decidida a fazer uma tese sobre publicações periódicas de poesia (um projecto que caiu por terra logo que vi as 3 enormes salas da Harris Collection da Universidade de Brown, cheia de corredores, laterais e centrais, com estantes até ao tecto: só com os últimos números de revistas activas à época), e decidi passar 3 meses apenas a ler o que me apetecia. Robert Duncan aparecia como um mentor para muitos poetas

famosos americanos, mas só os poetas se referiam a ele, porque de crítica, em 1988, havia apenas uma pequena antologia (de textos menores, diria) sobre este poeta de S. Francisco, que foi um dos principais responsáveis pela transformação cultural, artística e política que a S. Francisco Renaissance, das décadas de 30 e 40, significou. Vivendo o período da II Grande Guerra entre S. Francisco e Nova Iorque (onde fez parte do Círculo de Breton e namoriscou Anais Nin, além de visitar todas as exposições da nova pintura europeia trazida, nomeadamente, pelos exilados alemães, sobretudo expressionistas abstractos), foi professor na importantíssima escola de artes de Black Mountain (onde trabalhou, entre outros, com poetas como Robert Creeley ou Charles Olson [com quem fundou o Projectivismo], mas também com pintores como Mark Rothko, músicos como John Cage (também poeta), ou bailarinos como Merce Cunningham], e todos os poetas da Beat Generation fal[ar]am dele como uma figura paternal, que, já na década de 50, lhes abria as portas da casa que partilhava com aquele que seria o seu companheiro de vida, o pintor (e químico) Jess (Collins), para noites inteiras de conversa torrencial, autênticas aulas magistrais sobre poesia, artes plásticas, música, filosofia, religião, ocultismo e magia, história, ciência (acompanhava atentamente tudo o que saía sobre física quântica e a nova matemática), antropologia, psicanálise, ciência política, enfim... tudo aquilo que um leitor voraz e completamente diletante podia partilhar com uma geração desejosa de uma alternativa a uma América burguesa e, cada vez mais, imperialista. E escreveu sobre tudo isto — o que me levou, para o poder ler criticamente, a ter de ler “à sua volta”, como já referi. Mas Duncan foi também um objector de consciência, um homossexual assumido na década de 40, um militante anti-Vietnam (o que o levou à prisão várias vezes), um trotskysta que passou a anarquista, um *gigolo*, um viajante inveterado. Durante a guerra do Vietnam, anunciou que se recusava a fazer parte da cultura e da literatura de um país imperialista, que destruíra outros povos, e prometeu que não voltaria a publicar (o que, efectivamente, só voltou a acontecer 17 anos mais tarde), mantendo a poesia como forma de activismo político apenas na sua comunidade. A sua vida e a sua escrita foram uma e a mesma coisa e significaram, também para mim, uma grande e desafiante aventura. Finalmente, este grande poeta (para mim, talvez o maior da 2^a metade do século XX) vai ocupando o lugar do cânone que lhe pertence por direito (coisa que ele abominaria!).

Outro nome, de que também fala com forte afecto, é Robert Creeley. . .

Conheci o Bob Creeley em 1990, quando o Programa de Poética da Universidade de Nova Iorque se iniciava, e eu chegava a Buffalo para trabalhar nos arquivos com o testamentário de Duncan. Nem queria acreditar quando, ainda à espera de ser recebida, na Biblioteca de Poesia e Livros Raros, encontrou aquele homem alto, cuja cara eu sabia que conhecia (talvez de um

congresso?, perguntava-me), estendendo-me a mão e dizendo: “Hi, I’m Bob Creeley!” Sei que isto vai parecer ridículo, mas é preciso entender que, então, não havia internet, eu só tinha visto aquela cara em livros, a cara de quem era considerado, há muito já, um dos 2 maiores poetas norte-americanos vivos (o outro era o John Ashbery), traduzido em mais de 40 línguas: senti-me como uma adolescente parva que estivesse a conhecer o Mick Jagger ou o George Clooney, com vontade de desatar aos saltos e aos gritos e talvez desmaiar. Era (É ainda) muito difícil imaginar, em contexto português, que uma figura literária desta envergadura aparecesse para conhecer a estudante que vinha de um país quase desconhecido e a convidasse para jantar na sua casa nesse mesmo dia... Fui praticamente adoptada pelo grupo na génese do Programa de Poética e foi em Buffalo, e com este grupo, que aprendi o que é viver numa comunidade de poetas e artistas (e tudo, porque eu era uma estudiosa de Duncan: “*a Duncanian*”), sem atavios e hierarquias provincianas. Acabei por ir muitas vezes jantar àquela casa (que era um antigo quartel de bombeiros) e uma grande amizade acabaria por se criar, com muitas horas de conversas, a ouvir as histórias partilhadas com os maiores nomes da poesia do século XX (americanos e não só), muitas farras no bar *Nietzsche’s*, e muitas, muitas leituras de poesia. Esta é a grande humildade e a generosidade que só tenho encontrado em grandes vultos, o que não deixa de ter piada (ou talvez não ter piada nenhuma). Infelizmente, o Bob foi-se em 2005 — e ainda lhe estou a dever a tradução da sua obra, que lhe prometi num táxi a caminho da Universidade de Stanford, onde íamos participar num congresso sobre Denise Levertov e Robert Duncan, em 2004. Foi a última vez que o vi.

Creeley esteve em Coimbra para um dos Encontros de Poesia. Os Encontros foram uma brilhante organização, para a qual a Professora muito terá contribuído. Num momento em que a sua continuação parece incerta, poder-nos-ia fazer uma resenha, breve naturalmente neste contexto, de momentos que lhe deram uma satisfação especial?

Preciso de umas 300 páginas... Mas tenho que me aposentar para um dia escrever as histórias a que só a organização assistiu. Vou tentar uma versão mínima: 7 edições, entre 1992 (ano em que trouxe cá o Bob Creeley) e 2010, com a presença de mais de 300 nomes do mundo inteiro (alguns e algumas das maiores poetas [R. Creeley, Charles Bernstein, Nicole Brossard, Tony Harrison, Haroldo de Campos, Vasco Graça Moura, Fíama Hasse Pais Brandão, etc.]), com alguns Nobels pelo meio [Heaney, Saramago], e alguns e algumas das maiores figuras actuais, que estavam apenas a começar [Cristina Babino, Valter Hugo Mãe, etc.]. A política dos Encontros era ‘democratizar o cânone’. Nesse ensejo, colocando gente muito famosa ao lado de completos/as desconhecidos/as (como os/as meus e minhas alunos/as da “Oficina de Poesia”, que leram com um Nobel e uma poeta popular, a D. Virgínia),

muitas vezes se percebia que os/as “grandes” não eram assim tão grandes e os/as novos/as e desconhecidos/as eram, também muitas vezes, bem melhores...

Podia contar muitas histórias, algumas até engraçadas, mas acho que o momento que me pareceu mais importante foi quando um poeta de Israel (Ytzack Laor), ao ver que o microfone não chegava, se levantou do seu lugar e disse ao poeta da Palestina (Abdel Karim Sawabi, que só nós, organização, sabíamos ter estado para se ir embora, porque se recusava a estar na mesma mesa de um israelita): “Vem para aqui, que eu dou-te o meu lugar”. Ao cruzarem-se em frente à mesa do painel de leitura, acabaram por se abraçar. A poesia é também este espaço de justiça e humanidade.

Só sabemos que Laor foi preso inúmeras vezes pelo seu próprio governo por defender, em Israel, a causa palestina. E há muito que deixámos de ter notícias.

E, para acabar, como vai o seu curso de Escrita Criativa?

Depois do primeiro *Massive Open Online Course* (MOOC) da Universidade portuguesa, em 2013, que foi um enorme sucesso (esgotado em 4 dias), depois de mais de 20 anos a ensinar escrita criativa (e, atenção, no Programa de Poética, da SUNY, tive, no total, 2 anos de formação na área, aprendendo com o Bob Creeley e outros/as, como Charles Bernstein ou Susan Howe), vi uma proposta de criação de um mestrado em escrita criativa, apresentada à agência de acreditação do ministério, ser rejeitada por um júri sem qualquer formação na área e que começou agora, amadoristicamente, a interessar-se por algo que acabou por se tornar uma moda.

Eu estava doente, pelo que nem pude reclamar. Parece que a proposta não envolvia nomes suficientemente famosos!!!... Eu, que venho da escola de Duncan e de Creeley (Black Mountain, Poetics Program, & C.^a), não acho que estes cursos devam ser *passerelles* para “grandes figuras”. Nem aceito que se fale de “boa escrita” por oposição a “má escrita” — pois não há critérios universais de justiça poética. Mas há hierarquias de poder e, no nosso país, infelizmente, o 25 de Abril nunca lá chegou. Saiu uma elite do regime e entrou outra. Não há crítica literária sobre nada que esteja fora da convenção (o coitado do Lobo Antunes, não fora o sucesso lá fora, continuaria a ser um ilustre desconhecido por cá — melhor, por Lisboa!).

Continuo a ensinar “Poética e Escrita Criativa” na FLUC, sempre com demasiados/as alunos/as (este ano, pedi não mais de 20 inscrições e tenho 44), mas só ensino a desaprender, a *des-escrever*, a *des-poeticizar*, a fazer mal. Quero que os/as meus alunos/as, aqueles/as para quem a escrita é uma questão de vida (ou de morte, também), sintam a necessidade de responder aos grandes desafios lançados pelo Modernismo e por toda a arte experimental. Porque, como dizia Aristóteles (que eles/as, nem sempre com grande vontade ao início, também têm de ler), tudo começa ‘com toscos improvi-

sos”; e, também como dizia o meu aristotélico Duncan, toda a poesia (e a arte, em geral) só faz sentido se for no seio da comunidade (dela, para ela e com ela). A escrita criativa deve criar e manter a responsabilidade para com essa mesma comunidade: manter a capacidade de responder. Para isso, só pode haver a procura permanente de novas ordens de saber.

Para cursos que devem servir para mostrar “grandes nomes” aos e às alunos/as, não contam comigo.